

## Uso do Jamboard® na Educação Superior no Contexto do Ensino Remoto Emergencial

Gustavo Roberto de Lima <sup>1</sup>  
Sandrelena da Silva Monteiro <sup>2</sup>

### RESUMO

Este trabalho se configura em um relato de experiência da interação entre professora e monitor no âmbito de uma disciplina obrigatória oferecida a cursos de licenciatura. Estabelecemos como objetivo principal apresentar o movimento de uso da ferramenta Jamboard® da Google como um recurso de aprendizagem e como uma estratégia avaliativa no âmbito da disciplina, no primeiro semestre de 2021, no contexto do Ensino Remoto Emergencial. Buscamos desenvolver uma metodologia participativa e dialógica, inspirada em Freire, em que a ideia de sala de aula invertida, tal qual apresentada por Bergmann e Sams, perpassa a proposta do trabalho. No que se refere às possibilidades e riquezas do uso de metodologias ativas no ensino, especialmente no contexto do ERE, ressalta-se a possibilidade de termos no Jamboard® um recurso que se fez realmente processual e interativo.

**Palavras-chave:** Ensino Superior, Ensino Remoto Emergencial, Monitoria, Metodologias Ativas.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho se configura em um relato de experiência da interação entre professora e monitor no âmbito de uma disciplina obrigatória oferecida a cursos de licenciatura. As turmas formadas no âmbito desta disciplina recebem estudantes de diferentes cursos, o que acaba por configurar turmas multicursos, ressaltando a riqueza e os desafios de um diálogo interdisciplinar nos espaço-tempo de formação docente inicial.

Intentamos compartilhar a experiência que implica tanto na formação da professora e do monitor, ante o desafio de reinventar a prática docente no contexto do Ensino Remoto Emergencial (ERE), especialmente o aprender a trabalhar com recursos didáticos virtuais, quanto dos estudantes, ante os necessários movimentos de reinvenção

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, [lima.gustavo@estudante.ufjf.br](mailto:lima.gustavo@estudante.ufjf.br).

<sup>2</sup> Doutora em Educação e Professora da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, [sandrelena.monteiro@ufjf.br](mailto:sandrelena.monteiro@ufjf.br);

das práticas de estudo e organização de um tempo e espaço que já não era mais apenas o da Universidade, mas da própria casa. Assim, estabelecemos como objetivo principal apresentar o movimento de uso da ferramenta Jamboard® da Google como um recurso de aprendizagem e como uma estratégia avaliativa no âmbito da disciplina “Processos de Ensino Aprendizagem” ofertada para cursos de licenciatura pela Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), no primeiro semestre de 2021, no contexto do ERE.

O Jamboard® é uma ferramenta da Google, se configurando numa plataforma que armazena e permite criar arquivos de lousa digital interativa e colaborativa, esses arquivos são compostos de vários frames ou páginas em branco, que são editáveis com uma série de ferramentas de escrita, desenho e imagéticas oferecidas na plataforma. Seu uso, no âmbito da disciplina, se configurou em um portfólio reflexivo da aprendizagem e instrumento de avaliação. Miramos o Jamboard® enquanto um recurso didático no âmbito das denominadas metodologias ativas no processo de ensino e aprendizagem. (CASTRO, SIQUEIRA e MONTEIRO, 2020)

Enquanto portfólio (MONTEIRO, 2014; HERNÁNDEZ, 1998), o Jamboard® foi uma forma de organização e reflexão sobre o processo de aprendizado dos estudantes e acompanhamento da organização dos estudos. A construção representa um processo dinâmico, e não apenas uma forma de arquivamento da produção dos estudantes, visto que enquanto processo reflexivo pode ser constantemente retomado, constituindo, assim, um registro ativo, que se modifica conforme a intervenção do próprio autor. Outra característica importante deste recurso, enquanto forma de acompanhamento do processo de ensino e aprendizagem, se dá pelo fato de respeitar as escolhas e subjetividade de quem o constrói, podendo apresentar de forma mais próxima o que realmente está sendo aprendido por aquele que o produz. Aqui a escolha de o que registrar e como registrar irá dizer sobre o que se fez significativo e tornou-se aprendizado durante as aulas. Entende-se, desta forma, que o Jamboard®, enquanto portfólio, não será mero somatório de anotações pós-aula, mas sim uma apresentação mais ou menos fiel do que ficou como aprendizado.

É por seu caráter autoral que entendemos ser essa ferramenta um bom instrumento de avaliação processual do movimento de ensino e aprendizagem proposto. Por outro lado, infelizmente, como nosso sistema educacional ainda é pautado em notas, essa produção terá valor avaliativo no contexto da disciplina. Acreditamos, de saída, ser esse

um ponto negativo, não da ferramenta ou da proposta, mas para o próprio processo, pois, pode, em algum caso, ser feito registro por simples cumprimento da exigência da nota e não por compreensão e aceitação autônoma da proposta.

## **METODOLOGIA**

No âmbito da disciplina “Processos de Ensino e Aprendizagem” buscamos desenvolver uma metodologia participativa e dialógica (FREIRE, 2020), em que a ideia de sala de aula invertida (BERGMANN, SAMS, 2012) perpassa a proposta do trabalho, em que os encontros síncronos no âmbito do ERE se configuram em espaços-tempos de discussão de textos, vídeos e pesquisas realizadas previamente pelos estudantes.

Outro elemento da disciplina é a busca por recursos didáticos e instrumentos avaliativos que sejam interativos e processuais, como, por exemplo, o Jamboard®. (BACICH; MORAN, 2018)

Para o uso deste recurso fizemos um movimento inicial de apresentar a proposta, em seguida houve um momento de ensino sobre o uso da ferramenta e finalmente o acompanhamento de sua construção.

Foi construído um vídeo tutorial usando o Loom®, ferramenta que permite gravar a tela do computador, conjuntamente com o áudio e câmera. Orientou-se os estudantes sobre o uso do recurso Jamboard® utilizando o próprio programa e suas ferramentas para criar uma mensagem de “boas-vindas ao semestre letivo” e fazer o convite para que utilizassem a ferramenta para registrar as aulas.

Como resultados imediatos, tivemos uma ampla discussão na turma, em que alguns estudantes aceitaram de pronto a proposta, outros apresentaram suas dúvidas e até resistências. Nesse momento foi possível uma discussão não apenas sobre a proposta apresentada, mas também envolvendo as metodologias ativas e como essas vêm se fazendo presente no contexto do ERE, contribuindo para a reinvenção da educação, o que não se trata de mera transposição do que era feito presencialmente para uma plataforma virtual, mas sim uma reinvenção da própria prática docente e também do fazer do estudante.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Como já situado, nas aulas da Disciplina buscamos o desenvolvimento de uma metodologia participativa e dialógica, a qual, segundo Freire (2020) não só, exige estabelecer uma intimidade entre os saberes curriculares e as experiências socialmente construídas que os estudantes trazem, como desenvolver com eles uma curiosidade inquieta e indagadora que move para a busca por esclarecimentos na relação que estabelecem com os objetos. Se entende o pensar como sendo comunicante e coparticipado, devendo ser valorizada a construção do conhecimento através do diálogo, na relação entre aquele que ensina e ao mesmo tempo aprende e aquele que ensina ao aprender. Desta forma o conhecimento deve ser " (...) produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador." (FREIRE, 2020. p. 39).

Nesse contexto, entendemos que a proposta de sala de aula invertida tal qual apresentada por Bergmann e Sams (2012) contribui com nossa prática. A sala de aula invertida é entendida como uma estratégia no âmbito das nomeadas metodologias ativas (BACICH; MORAN, 2018), ainda que não tenhamos seguido pontualmente um determinado modelo estabelecido, acreditamos que essa proposta perpassa nossa proposta uma vez que há o incentivo para que os estudantes tenham autonomia intelectual e moral (PIAGET, 1998) frente ao próprio aprendizado. Assim, a partir de uma programação inicial, apresentada e avaliada juntamente com os estudantes, agendávamos encontros síncronos semanais em que a ênfase era a discussão, problematização e aprofundamento do estudo de textos, vídeos-filmes e pesquisas realizadas previamente por eles. Apesar de uma ementa a ser cumprida e um limite de tempo a ser respeitado, tal proposição se fez eficaz. As atividades propostas envolviam tanto ações individuais quanto grupais. Essa compreensão da sala de aula encontra ressonância nos dizeres de Valente (2018):

A abordagem da sala de aula invertida não deve ser novidade para professores de algumas disciplinas, nomeadamente no âmbito das ciências humanas. Nessas disciplinas, em geral, os alunos leem e estudam o material sobre literatura ou filosofia antes da aula e, em classe, os temas estudados são discutidos. (VALENTE, 2018, p. 84)

As metodologias ativas, em seu processo de construção são entendidas enquanto práticas pedagógicas que se fazem alternativas às tradicionais, no entanto, não se trata de uma novidade do ponto de vista histórico, uma vez que já temos referências a elas desde o ideário da Escola Ativa (PIAGET, 1998). Certamente, um principal diferencial nessa prática, em comparação com a proposta tradicional, é o fato de os estudantes serem

incentivados a assumirem de forma autônoma uma corresponsabilidade pelo próprio aprendizado. Aqui o papel do professor, se faz enquanto um colaborador e não um mero transmissor de informações.

Da mesma forma, os métodos chamados “ativos”, que são os únicos capazes de desenvolver a personalidade intelectual, pressupõe necessariamente a intervenção de um meio coletivo ao mesmo tempo formador da personalidade moral e fonte de trocas intelectuais organizadas. (PIAGET, 1998, p. 62)

Reinventar a prática pedagógica em meio a um cenário pandêmico e no contexto do ERE constituiu um desafio ao qual não fomos convidados, mas sim convocados, e ao qual não podemos nos furtar. Como já nos ensinou Paulo Freire (2020) educar é um ato de coragem que exige que nos doemos superando os próprios limites.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O uso do Jamboard® foi proposto no âmbito de uma turma, formada por estudantes de diversos cursos de licenciatura da UFJF. Do quantitativo de 38 estudantes matriculados, com exceção daqueles que abandonaram a disciplina, aproximadamente 70% aceitaram o desafio de construção do Jamboard®.

Como já descrito, a proposta não surgiu como uma imposição, mas sim como uma proposta tanto de organização dos estudos quanto de avaliação do próprio processo de aprendizagem. Também, não foi aceito de forma passiva, houve uma discussão com argumentos ressaltando os pontos positivos e negativos da proposta, seus desafios e possibilidades. Ao final dessa discussão houve a aceitação e compromisso de participação na mesma.

Ao longo do processo algumas situações chamaram a atenção e merecem ser destacadas. Uma das situações surge a partir da leitura do registro de um estudante em seu portfólio, no qual expressa à professora sua postura frente ao exercício de construção do portfólio.

O estudante afirma que detestou a mecânica da ferramenta afirmando não ser um conhecimento necessário para sua atuação junto à disciplina de Filosofia, caracterizando-o como um método de avaliação pós-moderno. Por outro lado, e já demonstrando algum apreço pela experiência, não obstante as críticas, o estudante, brincando com a ferramenta

e visando experimentar suas possibilidades, sugere uma lista de filmes que retratam professores, justificado por uma fala de Woody Allen que versa sobre a predominância da imagem docente em oposição à prática.

O estudante ainda critica outra proposta de recursos avaliativo utilizado ao longo da disciplina, um exercício em que os estudantes devem conversar entre si sobre uma série de vídeos que abordam o conteúdo estudado. Aqui um outro movimento que, se inicialmente se faz na forma de crítica, também revela seu potencial, uma que em seu comentário consegue identificar aquilo que justificou a proposta tanto do “seminário” quanto do Jamboard®. Em sua análise tanto um quanto o outro surgem como: “(...) método educacional (que) coloca o aluno num lugar privilegiado, não apenas como um mero receptor de conteúdo”.

Ao ler os registros do estudante, a professora, em resposta, busca um olhar atento para os pontos levantados, identificando ali, ainda, o caráter dialógico do processo educativo. Em resposta ao seu registro lhe retornou: *[...] confesso que fico feliz por você ter sentido liberdade para se expressar, sinal de que o objetivo de uma aula dialógica está sendo alcançado. Gostei da lista de filmes que você sugeriu, anotei e vou tentar ver alguns. Gostei também do esboço que fez da sua apresentação. Sobre os seminários, concordo com sua avaliação, a de que gosto de ouvir vocês falarem, mas tem uma outra intencionalidade pedagógica: Bakhtin afirma que podemos dizer que estamos aprendendo algo quando somos capazes de falar sobre esse algo. Conversar sobre determinado assunto exige que organizemos nosso pensamento e o que lemos ou ouvimos sobre o assunto. Assim, há essa intencionalidade pedagógica, de organização do conhecimento. E, claro, ouvir e ver vocês... coisa rara no Google Meet. Tenho uma hipótese: você irá descobrir que há sentido na construção de ferramentas de aprendizagem como o Jamboard®.*

O exercício de experimentar uma metodologia participativa e ativa não se faz sem os desafios e possibilidades próprios da prática pedagógica. No entanto, há que se fazer o exercício sempre amoroso e a busca da coerência que nos ensinou Freire (2016, 2020).

Outra situação que merece ser aqui estudada e problematizada foi a atitude de uma estudantes que, durante a aula, diante do convite da professora para participar da conversa, justificou que não o faria pois estava aproveitando o momento para “anotar no portfólio a fala da professora”. A estudante justifica sua atitude dizendo que fica mais fácil fazer enquanto a professora fala, pois assim ela não precisará fazer depois da aula.



Diante desta situação a professora interrompe o que estava em discussão e retoma a proposta de construção do Jamboard® enquanto um portfólio reflexivo e recurso de avaliação do próprio aprendizado. Tal situação demonstrou que nem todos os estudantes haviam entendido a proposta e/ou não a estavam realizando enquanto um registro da própria aprendizagem em um momento reflexivo no tempo do pós-aula. Infelizmente, um olhar mais atento a outros portfólios apontava trechos de transcrição da fala da professora.

A percepção de tal situação, em um primeiro momento configurou “um balde de água fria” no entusiasmo e dedicação da professora e do monitor, no entanto, em um exercício de avaliação e ressignificação da própria prática e aprendizado, ambos entenderam a necessidade de um constante processo de aprimoramento. Não sendo isso motivo de desistência, mas sim de persistência no que se acredita enquanto possibilidades para uma educação realmente participativa e em prol do desenvolvimento da autonomia intelectual e moral (PIAGET, 1998).

Em contraponto às duas situações relatadas, várias outras deram motivos para a persistência e continuidade do processo. Do total de estudantes que aceitaram construir os *Jamboards*, 70% demonstram, pelos registros realizados estarem aprovando a proposta metodológica.

O relato avaliativo de vários outros estudantes sobre a riqueza do recurso e as possibilidades de aprendizado com sua construção são motivos reais para não desistir de uma prática envolvendo metodologias ativas em uma perspectiva autônoma.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar dos pontos negativos apontados alhures, a avaliação do processo como um todo sinaliza para a validade da proposta e eficácia enquanto recurso didático. A título de finalização desta escrita, faz-se importante retomar que essa proposta trouxe desafios e as possibilidades à prática pedagógica no contexto do ERE.

Como principais desafios, tivemos a recusa inicial de alguns estudantes, o que depois viemos a perceber que se tratava também de não saber usar a ferramenta, o que foi possível sanar quando do aprendizado do mesmo. E, ainda, o fato de termos percebidos que alguns estudantes não conseguiram alcançar a proposta do uso do Jamboard® quanto um portfólio reflexivo do próprio processo de aprendizagem, focando mais no quesito

“nota de avaliação” e terem realizado de forma a mero cumprimento de uma atividade avaliativa.

No que se refere às possibilidades e riquezas do uso de metodologias ativas no ensino, especialmente no contexto do ERE, ressalta-se a possibilidade de termos no Jamboard® um recurso que se fez realmente processual e interativo.

## REFERÊNCIAS

BACICH, Lilian; MORAN, José (org.). Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. São Paulo: **Penso**, 2018.

BERGAMANN, Jonathan; SAMS, Aaron. Sala de aula invertida: uma metodologia ativa de aprendizagem. Rio de Janeiro: **LTC**, 2016.

CASTRO, Ronney Moreira de; SIQUEIRA, Sean Wolfgang Matsui; MONTEIRO, Sandrelena da Silva. Didática da Computação na Perspectiva da Aprendizagem Ativa. In: S WORKSHOPS DO CONGRESSO BRASILEIRO DE INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO (WCBIE), 9., 2020, Online. Anais [...]. Porto Alegre: **Sociedade Brasileira de Computação**, 2020. p. 31-40. Disponível em: <https://sol.sbc.org.br/index.php/wcbie/article/view/13022>. Acesso em 14 jul. 2021.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: **Paz e Terra**, 2020

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. 23ª ed. São Paulo: **Paz e Terra**, 2016.

GOOGLE. Dê vida à aprendizagem com o Jamboard. [s. l.], 2020. Disponível em: [https://edu.google.com/intl/pt-BR/products/jamboard/?modal\\_active=none](https://edu.google.com/intl/pt-BR/products/jamboard/?modal_active=none). Acesso em: 13 jul. 2021.

HERNÁNDEZ, Fernando. Transgressão e mudança na educação: Os projetos de trabalho. Porto Alegre: **ARTMED**, 1998.

MONTEIRO, Sandrelena da Silva. Experiências temporais constitutivas do ser professora: uma leitura bergsoniana. Tese de Doutorado em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. **Universidade Federal de Juiz de Fora**. 2014. 193p.

PIAGET, Jean. Para onde vai a educação? 14 ed. Rio de Janeiro: **José Olympio**, 1998

VALENTE, José Armando. A sala de aula invertida e a possibilidade do ensino personalizado: uma experiência com a graduação em midialogia. In: BACICH, Lilian; MORAN, José (org.). Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. São Paulo: **Penso**, 2018.